



Colette Pétonnet*



Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense**

A cidade, como lugar de todas as misturas, convém ser estudada em seus diversos meios. Entretanto, as variadas realidades urbanas, do mobiliário aos lugares públicos, resistem à investigação. O fenômeno urbano do encontro, em especial, não ofereceu os seus segredos. Caiba talvez ao etnólogo surpreendê-los. O método da “observação flutuante” consiste em permanecer disponível, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso. Colocado à prova no cemitério do Père-Lachaise, ele nos permitiu descobrir, em alguns dias, um uso insuspeitado do cemitério parisiense e a existência de verdadeiros profissionais da lembrança. Mas estes só oferecem o seu saber ao acaso do encontro. Palavras-chave: antropologia urbana; método etnográfico; observação flutuante; observação direta.

* Antropóloga, fundadora e membro do LAU (Laboratoire d'Anthropologie Urbaine), CNRS, até 1995, quando se aposentou.

** “*L'observation flottante – l'exemple d'un cimetière parisien*”, publicado em *L'Homme*, oct.-déc. 1982, XXII (4), p. 37-47. Tradução de Soraya Silveira Simões e revisão de Evelina Maria Cunha Carneiro da Silva (ver comentários da tradutora sobre a autora na sessão resenha deste número de *Antropolítica*).



A etnologia urbana está ainda por ser feita. Tentar teorizá-la será então prematuro, e é preciso, ao contrário, aceitar o desconforto de suas hesitações. Entretanto, ela existe já há muito tempo para que suas tentativas autorizem algumas reflexões teóricas. O conceito que se impôs revela-se, aliás, insatisfatório naquilo que sugere uma dicotomia rígida no interior de uma mesma sociedade. O fenômeno dos supermercados implantados na periferia das cidades que atraem numerosos compradores citadinos ou camponeses é um fenômeno urbano ou pertence ao mundo industrial? Convém isolar os fenômenos urbanos? Melhor seria falar da etnologia do mundo moderno. O poder revelador das outras sociedades tende a lançar sobre a nossa um olhar diferente daquele da racionalidade. Mas isto não resolve as dificuldades metodológicas, e os problemas epistemológicos não param de ser debatidos pelos estudiosos envolvidos com a pesquisa. Se o conceito, redutor, de etnologia urbana se impõe com sucesso, é talvez precisamente porque ele reduz às dimensões urbanas uma realidade muito mais vasta. Eis por que não há perigo em aceitá-lo provisoriamente.

A cidade é conhecida desde suas origens por conter, ou deter, a autoridade – civil, militar, religiosa –, o comércio e a indústria, e por se alimentar dos campos. Ela é desde sempre o lugar de todas as misturas, do movimento incessante, da circulação incontrolável dos homens e das coisas, da pluralidade, em suma. Como abordá-la? É provavelmente tão falacioso encará-la como uma unidade social quanto acreditar que um bairro é uma parte separada do todo. As cidades estão em relação umas com as outras, e quem estuda o comércio se verá imediatamente projetado fora das fronteiras nacionais.

Estudar diversos meios – profissionais, religiosos, estrangeiros... – é certamente uma das maneiras mais seguras de não se arriscar, quer dizer, de permanecer fiel ao processo etnológico. Penetremos em uma dessas empresas familiares do *faubourg Saint-Antoine* cujo letreiro anuncia: “Irmãos Fulanos, sucessores de seus pais e avós”, e nós teremos o prazer de explorar as redes de parentesco da aliança, os circuitos econômicos, a tecnologia, sua evolução e sua transmissão, e de observar as práticas advindas da ideologia, da religião ou da festa; ou seja, nós chegaremos a um fenômeno social total. E se preferirmos começar uma enquete pelo conhecimento íntimo do templo que reúne pessoas diversas, o resultado obtido será similar.

Este método deve então ser assegurado, pois ele contribui eficientemente para a compreensão de nossa sociedade. Entretanto, nesse tipo de enquete, o urbano é apenas uma interferência, ele toma a forma de trajetos



preferenciais, de territórios: tal bairro, tal igreja, tal mercado ou clube representa um aspecto da cidade. Trata-se de estudos *na* cidade através dos quais ela pode aparecer apenas como um contraponto ou anedoticamente. É verdade que no estudo dos Laocianos de Melun¹ a cidade não apareça em primeiro plano. Mas, supondo que, para uma dada cidade, todos os meios sejam estudados, o crivo deixaria passar uma quantidade de objetos urbanos, do mobiliário² aos transportes coletivos e aos lugares públicos ou, em outros termos, lugares frequentados por indivíduos geralmente desconhecidos uns dos outros.

Uma infinidade de desconhecidos não suscita tradicionalmente o interesse do etnólogo. Ou, lugares de passagem sem destinação particular, os espaços públicos desprovidos de obrigações são com toda a certeza um fenômeno urbano. Aqui se situa um dilema que o pesquisador deverá enfrentar sem guia e sem modelo. Pesquisar a coerência dos laços entre os seres esvaziaria efetivamente o fenômeno propriamente urbano do encontro: não um encontro esperado em um círculo de interconhecimento, nem tampouco aquele de um rosto “conhecido de vista” surgido ao acaso de um cruzamento, mas o encontro nu, entre pessoas privadas de qualquer outro contexto senão aquele de suas roupas, e que consiste em dirigir a palavra a alguém de quem não sabemos nem de onde vem, nem o que faz, alguém de quem de nada sabemos. Estaria esvaziada ao mesmo tempo a dimensão do anonimato, como se ela fosse negativa ou nociva. Ora, é preciso levá-la em conta. Na cidade, “a gente vê gente”, “tem muita gente”. É isto que apreciam os camponeses que vão à cidade ou que lá passam a viver. O que dizem os imigrantes portugueses? “Alguns fazem besteiras aqui porque ninguém os está olhando, enquanto que na cidadezinha...”

O espaço urbano pertence a todo mundo. Andar pela rua sem cumprimentar ninguém, atravessar incógnito a multidão, tais são os direitos dos cidadãos. Que necessidade têm alguns de serem – ou de se dizerem – nostálgicos das tagarelices da cidade pequena? A cidade é a liberdade.

Se a multidão foi estudada como uma unidade psicológica, se a sintaxe oscila entre uma totalidade considerada coletivamente e uma pluralidade considerada individualmente,³ os encontros entre simples passantes não mostraram os segredos de seus ritos. E talvez caiba ao etnólogo a tarefa de surpreendê-los.

¹ Tese de doutorado em curso [na época da publicação do artigo] de Catherine Baix. (N. do T.)

² A evolução da forma e da disposição dos bancos públicos deveria especialmente ser objeto de um estudo etnográfico, pois participam da história das mentalidades.

³ “Uma multidão de visitantes veio – uma multidão de pessoas pensa que...” (definição do dicionário *Robert*).



As linhas que vão seguir propõem um ensaio em seus primórdios, em um estado inacabado e compreensível, já que os materiais foram recolhidos no curso de um breve período do mês de março de 1982. O método utilizado é aquele que nós qualificamos de “observação flutuante” e ao qual nos dedicamos há algum tempo, ao longo dos trajetos parisienses impostos pelas atividades cotidianas ou pela necessidade de movimento que o sedentário experimenta. Ele consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar” de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes. Não é preciso dizer que para obter de si mesmo esta disponibilidade de atenção é necessário se preservar da influência de pensadores contemporâneos, tal como J. Baudrillard, que denuncia os “cidadinos separados e indiferentes”, a “cidade-gueto”, a “dessocialização”, a “socialidade urbana abstrata”.⁴ (Como uma socialidade pode ser abstrata?)

O etnólogo trabalha, como de hábito, em um tempo e espaço precisos. Há lugares de tal forma estudados que não pensamos que eles possam revelar outra coisa além do que já foi escrito.

Os cemitérios não têm nada de especificamente urbano, toda comunidade possui o seu, e eles foram, segundo Émile Poulat,⁵ muito mais estudados que os ritos funerários porque estão na junção da epigrafia e da semiótica. O cemitério do Père-Lachaise apresenta a particularidade de abrigar um grande número de personagens célebres e é regularmente visitado pelos turistas. Por todas estas razões ele não integraria nossas preocupações.

Em meados de fevereiro, uma primeira visita teve por finalidade simplesmente verificar a informação de uma estudante relativa à devoção popular da qual a tumba de um famoso espírito, Allan Kardec, era objeto. O pesquisador tomou a precaução de não se munir de um mapa a fim de ter que perguntar seu caminho. A verificação foi feita rapidamente: a primeira pessoa encontrada tinha indicado o local da sepultura, de fato muito florida e cercada de pessoas em meditação. Mas era tarde e a iminência de fechamento⁶ impediu de observar outra coisa. Todavia, não longe da entrada, um senhor guiava três mulheres, cada uma apa-

⁴ J. BAUDRILLARD, *L'Échange symbolique et la mort*, Paris, Gallimard, 1976.

⁵ Entrevista com o autor.

⁶ 17h30, no inverno.



rentando uns 50 anos, por entre as sepulturas. Elas se inclinavam sobre uma inscrição, ele dava explicações. Ele indicava com o braço uma estela bordada de flores frescas em que estava gravado: À FRED. CHOPIN. “Eis aí Chopin”, disse ele sobriamente. “Ah, sim! Veja só! Alfred Chopin!”, fez uma das mulheres, e a outra acrescenta para nosso conhecimento: “Ele é do bairro, ele conhece tudo, ele passa aqui toda a tarde, é o seu jardim”. Então, era preciso atravessar a porta. Mas a decisão de voltar para flunar havia sido tomada.

Quem entra no Père-Lachaise é arrebatado pela beleza do velho parque, habitado por árvores e pássaros, que desposa a colina de Charonne desde 1804, quando foi aberto às sepulturas. O ar ali é vivo, menos poluído que sobre o *boulevard*.

Aos pés da capela, à meia altura, se estende um gramado cercado por bancos, todos ocupados por velhos que conversam, jovens que leem, mulheres grávidas que tricotam. Em volta da rotunda de Casimir Périer, de onde as aleias partem em estrela, os bancos também estão tomados. Uma simples olhadela é suficiente para ver que esse cemitério serve de jardim público, embora não encontremos vendedores de balões ou guloseimas nem crianças brincando sozinhas. É um espaço não associado ao consumo – salvo ao de flores, que lhe é específico –, um espaço em que tudo é marcado e datado mas onde se misturam sincronia e diacronia. Não apenas uma tumba nova ganha um lugar perto de uma estela invadida por heras, mas um novo defunto entra em uma tumba antiga. Os anos 1842 e 1979 estão gravados lado a lado. O tempo, aqui, tem um estranho perfume.

O pesquisador caminhou um bom tempo, em uma tarde ensolarada, descobrindo Balzac ou Géricault ao sabor das alamedas que se chamam aqui “avenidas” ou “caminhos”. Ele meditou sobre a arquitetura funerária, decifrou os epitáfios, leu os símbolos maçônicos, entre outros, apreciou as esculturas, se deixando levar pelo charme do cemitério. Ele marcou o tempo de parar diante da estátua de Victor Noir assassinado, muito realista, em bronze e polido pelos toques sobre a face, o nariz, os lábios e, à direita do sexo, onde o escultor tratou de representar a leve intumescência. Ele se lembrou que o busto de Allan Kardec era de um amarelo brilhante.

Depois, ele desceu até a entrada. No mesmo lugar do outro dia, um velho homem conversa com os marmoristas, e os coveiros o cumprimentam ao passar. Sobre seus conselhos, duas mulheres sobem a aleia e nos convidam a “ir ver uma artista enterrada na véspera”. As flores suntuosas juncam quatro metros quadrados. As mulheres se inclinam, admiram,



em as cartas dos floristas e as fitas de luto. Sobre uma delas: “Teatro Marie Bell”. Estimando o número, a qualidade e o preço das flores, elas supõem a idade da morta (“ela era jovem”), seus gostos (“ela gostava do azul, a coitadinha, olhe só essas almofadas”) e a afeição que a cercava. A alguns passos dali, em outra cova, elas se dedicam à mesma estimativa, do preço das flores à consideração familiar e social. Sobre uma placa provisória um nome caligrafado em *anglaisais*: Walter. “É um W ou um V?”, pergunta a mulher com capa, a mais volúvel das duas.

Depois, como estamos perto da saída e já é quase a hora do fechamento, elas propõem mostrar algumas sepulturas célebres mais próximas: Carita, em seguida Colette, cuja lápide de granito traz apenas este nome. “Olhe atrás”, elas exigem, “há sua carteira de identidade”. “Eu não a conhecia antes, a Colette”, diz a mulher com a capa, “mas eu fui ver sua peça, no sábado, com Michele Morgan”. “Que peça?” “Ben! Querida, em cartaz no Variétés, que fica no *boulevard*. É bem encenada.” É preciso também ver a placa nua de Pierre Brasseur. “Era ele que não queria flores, mas seu filho podia assim mesmo colocar um vaso. Nesse ponto, isso não se faz.” Uma mão anônima plantou na areia da aleia, contra a placa, um pequeno buquê de violetas de plástico. Na frente de uma tumba chinesa, negra, em forma de pagode, gravada de letras de ouro perpassadas por dragões, um velho senhor surge, admirado: “Isso custa muito caro, porque deve ser gravado à mão. Para as letras francesas, há os modelos, as máquinas, mas para essas é preciso encontrar os artesãos.” Ele repete: “é feito à mão”, como se estivesse reconhecendo as exigências chinesas de perpetuar a existência dos artesãos.

Uma das mulheres pega o ônibus para o *XVII^{ème} arrondissement*. A outra desce a pé a *rue de la Roquette* e, caminhando, me confia: “Eu não tenho muita instrução. Desde que eu me aposentei, eu vou quase todos os dias ao Père-Lachaise quando o tempo está bom. É um parque bonito, e os mortos não são chatos. É uma loucura o que eu aprendo ali. É ali que eu me instruo”.

Assim, o cemitério é um parque em que se pode descobrir as sepulturas daqueles que ignorávamos, medir o fervor e a notoriedade, ler a vida dos Grandes como em uma revista, e que torna o encontro fácil, cada um tendo a sua vez de transmitir ou perguntar algo.

3 de março – O tempo frio e coberto encurta uma nova exploração solitária. O velho senhor, bem-agasalhado, está sentado sobre um banco no lugar habitual. Ele tem 87 anos e vai ao cemitério religiosamente, faça chuva ou faça sol. Ele é inesgotável e recita o cemitério, “seus 44 hectares, suas 12 mil árvores e seus duzentos gatos (para se ocupar dos gatos há



senhoras), os 25 mil compartimentos do columbário (o crematório não se visita, mas se você der uma nota aos coveiros...). Custa mais caro ser enterrado à margem da alameda que atrás”. Podemos evidentemente nos perguntar sobre sua relação com a morte. Mas isto não é nosso propósito. Ele é parisiense? “E como!” Ele nasceu na *rue de Clignancourt*. A mulher de capa chega do alto. Ela maldiz os guardas e conta os disse me disse que circulam sobre os espíritos. Começa a chover mas ela se senta sobre o banco, e todos dois ficam conversando sob seus guarda-chuvas, que se tocam.

É ele o verdadeiro guardião, sempre ali, sabendo tudo e velando o lugar sagrado.

8 de março – Um pequeno grupo se formou em volta de duas mulheres que colocam comida nas vasilhas que elas dissimulam nas covas abandonadas e nas cavidades das árvores. Um visitante lhes assinala um cachorro errante. Elas vituperam contra aqueles que derrubam propositadamente as vasilhas e explicam seu papel: evitam que os gatos se contaminem, levam antibióticos, tem por vezes o socorro de um veterinário (precisam, então, capturar os bichos doentes). Ninguém lhes dá subsídios. Elas são consentidas. Uma senhora se detém e pergunta por Chopin. Uma outra nos arrasta em seu passeio: depois da rotunda uma escada desemboca sobre um caminho circular rodeado de bosques, entre dois níveis de sepulturas. “É terra, a gente pode se pensar num verdadeiro parque, vendo a primavera chegar.” O caminho estende-se ao longo de mausoléus barrocos, mulheres de pedra desoladas. Madame M. lê seus nomes, comenta o túmulo da baronesa Strogonoff e conta sua vida enquanto caminha. Ela era dançarina, um mal a abateu há trinta anos, arruinando a sua musculatura e lhe deixando com problemas de equilíbrio: “Eu engano, este guarda-chuvas é uma bengala, sem ele eu cairia.” A linha do seu discurso, entrecortado por episódios de sua vida e de reflexões sobre as tumbas, é impossível reconstituir. Mas chegando no “canto dos Marechais”, ela diz: “Ah! Há com o que se instruir aqui, você sabe! Podemos revisar a história!”, e ela conta uma segunda vez a origem dos crepes *Suzette* assim batizados pelo Príncipe de Galles com o nome de sua amante. Mas não se trata apenas de anedotas. Assim que lê os nomes, ela busca incansavelmente reunir os casais, reencontrar as alianças e as filiações. “A família deste aqui não se acabou, veja só: 1976.” Em seguida, surgem dois gatos. Ela os chama, tira uma lata de sua bolsa, lhes dá um pouco de alimento com a ajuda de um pequeno ramo que catou, o que não a impede de continuar dando suas opiniões: “Eu não sou a favor de Napoleão. Ele deixou a França debilitada, e todos esses



presentes, princesa de Nápoles, rei de Roma, eu os desprezo!”. O passado é estimado no presente.

Há também tumbas em que seus passos a conduzem com frequência: “Eu o farei conhecer meus namorados, um casal que se amou por toda a vida, é bonito, não é? Eu tenho também uma pequena, linda, tem uma foto. Morrer aos 18 anos de uma bala perdida na Liberação não é aceitável, então eu vou vê-la, eu a imagino e tenho a impressão de que isso é bom”.

Assim o povo vem se instruir – a palavra volta obstinadamente – neste livro aberto do saber e do imaginário em que cada um pode se servir à sua maneira, vibrar ao seu modo. Ninguém foge ao contato efêmero diante dos túmulos cuja celebridade os tornou públicos. E todos se maravilham com esta fidelidade fervorosa da qual participam: “Chopin sempre tem flores frescas, eu tenho certeza, eu as toquei; é normal depois de tudo o que ele nos deixou”. O que aqui está sendo abordado pertence às culturas populares, que se tornaram uma de nossas preocupações e das quais mostramos anteriormente que não dissocia o afetivo do saber.

A visita seguinte destinou-se a investigar sobre esta “instrução pública” difundida no Père-Lachaise. Um casal se detém diante do epitáfio de Desjardins, atingido em Moskowa: “Que nós o honramos ainda/os vencedores de tantas batalhas”. Ela: “Está marcado isso no teu livro sobre Napoleão?” Ele: “Não creio. Será preciso que eu o reveja”.

O que mais podemos aprender além das guerras e do parentesco desses personagens históricos? Podemos revisar seus departamentos⁷ (nascido em Bard, Cote-d’Or); nos iniciarmos na filosofia: “Agir como se não houvesse no mundo nada além de sua consciência e de Deus”, ou na língua antiga que, em 1827, não colocava ainda o “t” na palavra *enfants* e dizia: “Aqui repousa Dame Achille”; reler os poetas, alguns versos de Baudelaire gravados aqui e acolá; progredir nas ciências e na literatura com os inventores e as obras citadas, conhecer ainda mais as instituições, os títulos do defunto figurando por extenso, e formar seu julgamento estético. As esculturas são numerosas, e Madame M. diz: “Podemos saber, quando é mais ou menos a mesma data, se trata-se do mesmo escultor, apenas olhando as faces das mulheres. Elas se parecem porque o escultor representa sempre a mulher que ele ama, mesmo não o fazendo voluntariamente”. Não há nada além da religião que esteja, de modo paradoxal, simbolicamente representado pela cruz ou pela estrela de David, com algumas injunções à prece. Os prelados parecem raros. Podemos nos constituir, em suma, em boas figuras na sociedade ou ganhar “jogos do milhão”. O Père-Lachaise é uma enciclopédia.

⁷ Unidade administrativa do território francês (N. do T.)



Mas o pesquisador é perturbado por duas “mulheres dos gatos” já anteriormente encontradas. Ele se oferece para participar das despesas e logo se vê encarregado das seguintes incumbências: “Você não colocará nunca comida sobre os túmulos, há sempre pratos ou caixas escondidas nas capelas. Traga o que você tiver, mesmo os restos de macarrão. Você sempre me achará aqui por volta das três horas, embaixo de Colette ou desta aqui, Ginette Neveu. A outra senhora fica lá em cima, perto de Kardec. É preciso dividir bem o terreno, nós somos ao todo apenas umas dez senhoras”.

Suas referências são estipuladas pelos túmulos que, por sua vez, nomeiam os setores que elas traçaram. O nome dos caminhos não serve para nada. Do cemitério elas têm um outro conhecimento: “Você já foi até os Marechais? Você viu os *gays*? Quando eles têm uma chave junto deles, quer dizer que eles são livres. Tem muito verde lá em cima e grandes capelas, todas quase inteiramente abandonadas... – Você sabe das coisas! – A gente aprende desde quando começamos a vir aqui. Você também, você vai ver! Se você pegar o vírus...”

Elas conhecem todos os gatos que vêm ao encontro, assoam as filhotes que têm coriza, lhes dão uma pílula. Elas impedem a proliferação colocando clorofórmio nos recém-nascidos, “quando podemos, pois as gatas desconfiam”. São guardiãs do rebanho, em suma, a serviço da comunidade.

Nós saímos juntos, mas lhes falta ainda “alimentar os gatos da *rue du Repos*, dos quais ninguém se ocupa”. Observações anteriormente memorizadas passam, então, a convergir: sobre a praça de Aligre há um vendedor de cereais que vende tudo o que é preciso para pássaros e gatos. Uma pequena velha pergunta se o Gourmet está melhor que o Ron-Ron. Seu gato está doente? “Ah, não! Ela não tem gato, mas domingo ela oferece uma caixa àqueles da *rue Beccaria*. Era para mudar um pouco a comida.” Passagem da Main-d’Or, domingo de manhã, uma mulher enche vasilhas que depois dispõe sob os carros no estacionamento, com a ajuda de um bastão que ela guarda, em seguida, na cavidade destinada a receber as persianas de uma loja. Ela mora aqui? “Não, na *rue d’Aligre*. Domingo passado alguém colocou merda nos dois lados do seu bastão para impedi-la de alimentar os gatos da *Main-d’Or*.”

Assim a sociedade parisiense cuida de um rebanho de felinos semisselvagem cujas voluntárias guardiãs se dividem em territórios, de preferência longe de seus vizinhos imediatos, para darem conta desta atividade que desperta surdos conflitos exprimidos de maneira não verbal em meio ao anonimato urbano. Nova pista, nova pesquisa. Mas voltemos ao cemitério.



16 de março – O tempo está bom mas o lazer de tomar notas não vai durar muito. Atrás do monumento, em forma de lampadário, do inventor da iluminação das cidades (Windsor), surge um pequeno padre, bem-conservado para a sua idade avançada. “Ah! Há com o que se instruir aqui, sobretudo!”, diz ele. “Você vê, ali, logo abaixo, duas pequenas mulheres esculpidas e entre elas uma locomotiva? É Seguin, o inventor da caldeira tubular. E ali, é o rei do açúcar. Você conhece aquele que inventou o gás de iluminação? Vou levá-lo até lá.” E durante três horas, ele agrimensará o cemitério em todos os sentidos, dirigindo-se a passos firmes, cortando através dos túmulos, sem mesmo beneficiar-se de seus atalhos; ele é incansável, metralhando com perguntas e respostas seu aluno do dia, o qual deixará esgotado, a memória em destroços, incapaz de reter a localização, os nomes e as histórias, subjugada pela personagem.

Por vezes ele faz suas perguntas em forma de adivinhas: “Você sabe o nome do genro de George Sand? Quem era a mãe da mulher de Wagner?” Ele para, distante de uma alameda: “Quem desenhava a cabeça de Louis-Philippe em forma de pera?”, em seguida, voltando-se para um túmulo: “É Daumier!”, ou então ele simplesmente se interroga: “Aquele que fez as fortificações te diz alguma coisa? Você conhece o negro de Alexandre Dumas?” E como responder à questão: “Você conhece Modigliani?” Trata-se do pintor ou de sua sepultura? Ele prossegue: “Eu vou mostrá-lo a você”, ou, se um personagem está por perto: “Vamos passar por ali”, como costumamos passar na casa de alguém que esteja vivo. Passamos, então, na casa dos Hugo, “mas Victor não está ali, ele está no Pantheon”.

Ao final de um momento o pesquisador está cansado de confessar sua ignorância, que já ressentido desagradavelmente, mas tendo conseguido uma pequena vingança graças a Proust e a Colette (você sabe seus verdadeiros nomes?), ele se apercebe de que essas não são as boas regras do jogo. O que o pequeno padre espera das gerações às quais ele quer transmitir o seu conhecimento é justamente que ela não saiba. Algo então se transforma, e o diálogo torna-se invariável: “Você sabe...?” “Não”, digo eu. “Venha! Eu vou lhe contar no local.”

Como os mais velhos contam o mito da tribo seguindo uma espiral com o dedo, ele espera contemplar a pedra tumular para contar o defunto. Se começou, ele se interrompe, apressa o passo, e uma vez ali, imposta uma voz de recitante. Proclama, assim, a vida e a obra, o verdadeiro nome – se ele existe –, a filiação para os bastardos, as alianças e os amores perdidos. A vida afetiva tem sempre a primazia, a não ser para os



inventores. Sobre Apollinaire ele pergunta: “Você sabia que ele devia casar com Marie Laurencin? Mas foi Jacqueline quem o cuidou, então ele enamorou-se dela. É humano.” E diante de Modigliani: “A mulher com quem ele vivia, veja só, é a mesma data, ela se jogou pela janela quando ele morreu”.

Por vezes um detalhe no túmulo incita a algum julgamento de ordem afetiva: “Crozatier, você acredita que ele era marceneiro?” Por causa dos móveis? “Ele era bronzista, o melhor.” E diante do mausoléu do estatuário em cima de seu busto em bronze, ao lado daquele em pedra, decapitado, de sua mulher, ele estima: “Ele poderia até ter feito um bronze para sua mulher. Eu não acho bom de sua parte, um bronzista com tal talento!” É preciso notar que um membro da família de Leon Daudet está separado da cova: “Deve ter se passado alguma coisa, uma disputa entre eles”.

Mas se, como as mulheres, ele dá vida às famílias e aos seres, mais do que elas, ele se interessa pelas técnicas e pela história política, deixando discretamente filtrar suas opiniões. “E Juliette Dodu? É preciso conhecê-la, ela foi morta em 1970. Eu vou mostrá-la a você.” Seu périplo se estende pelo Muro dos Federados, sempre florido de cravos, passa diante da filha de Karl Marx. Lugares estão sendo reservados próximo a Marcel Cachin: “É para não deixar os burgueses chegarem perto”. De Victor Noir, ele confessa, pudico, que “dizem que as mulheres estéreis deitam-se sobre ele”, mas, não as tendo visto, ele prefere contar sobre o assassinato do jovem por Pierre Bonaparte.

Como ele constituiu o seu saber? Ele tem 80 anos. Desde os 16, vem três vezes por semana. Anota os nomes em uma lista, depois efetua as pesquisas em bibliotecas. “Na Pompidou tem muitos livros.” Antes ele se contentava com as bibliotecas de bairro. “Somos cerca de uma dezena de pessoas que sabem tudo do cemitério e nós nos passamos algumas dicas.” Mas ele se lamenta pelas depredações sistemáticas – quebra de cruzes e roubos de bronzes – das quais o Père-Lachaise tem sido alvo há quatro anos. Do pequeno padre nós não sabemos nada, a não ser que ele nasceu na *rue Ordener* mas, percebendo um frontão ornamentado com instrumentos esculpidos, ele nota: “Com o paquímetro e tudo, certamente um grande empreendedor!” E certamente ele é um velho operário parisiense.

Diante das inscrições apagadas pelo uso, ele ensina o que foi gravado: “São os pais de Fulano; é Mademoiselle Lenormand. – Como você sabe? – Antes, a estela não estava quebrada”, ou ainda: “Há 16 anos nós ainda podíamos ler”.



Ja são uma dezena a guardar o tesouro, depositários da memória coletiva, verdadeiros profissionais da lembrança e da revivescência, submetendo o cemitério aos seus interrogatórios, perpetuando a aliança entre vivos e mortos. Evitemos pensar no *griot*,⁸ por medo do ridículo. Claro que estamos em Paris e existem arquivos. Portanto, ali tocamos na ordem do mito, com esse percurso iniciático, esta voz recitativa, um mito de origem que oferece as sepulturas de tantos criadores, inventores, fundadores, aos velhos parisienses; e a tradição oral das culturas populares, sempre tão forte, depois de cem anos de certificado de estudos, mesmo quando ela se pretende culta.

O pesquisador não tem, então, mais do que uma ideia: reencontrar o pequeno padre. Mas em sua visita seguinte ele entra deprimido, furioso consigo mesmo por ter transgredido suas próprias ordens: ele não se deixou flutuar. Ele nada viu nem ouviu, perdido entre as tumbas, traído por sua memória, indisponível porque ele procurava o pequeno padre, que não apareceu. Todos os encontros no Père-Lachaise são de igual valor. Se nós queremos compreender a que serve esse cemitério, não devemos esperar por um informante privilegiado.

30 de março – Última lição. Está frio e úmido. Falta charme ao passeio, nenhum encontro se produz. E subitamente, é ele, sua veste azul e seu pequeno chapéu, que se dirige à saída. Alcançado, ele sorri: “O tempo nos expulsa, mas já que estamos aqui, vou te mostrar Bichat. É uma miséria! [uma humilde estela cercada de *fusains*], é tudo o que lhe fizeram! Um tão grande doutor! Tenon também está aqui. Sua pedra é no entanto melhor. Tem muitos judeus nesta parte antiga. Olha ali os Rothschild e depois os Fould. Mas eu tenho algo mais interessante”. E diante da velha estela de Kohen, “Cirurgião e Pedicure de Napoleão I”, ele conclui: “Os Grognards, eles fizeram Paris-Moscou a pé sem que ninguém se ocupasse deles, mas os outros, que iam a cavalo e de carroça, estes tinham pedicures”.

Ao nos deixar na praça Léon-Blum, ele diz: “Até uma próxima vez”, mas ele não marca um encontro, nem precisa os dias que costuma aparecer ali. A lição foi entendida: o encontro deve continuar a ser obra do acaso, e nossa pesquisa só seguirá com a condição de que seja jogado o verdadeiro jogo da descoberta pessoal dos mortos. Então ele e os outros oferecerão o que de bom lhes parecer ao grado do lugar ou de seus desejos.

Epílogo: para terminar, o pesquisador machucou gravemente a mão direita e terminou seu artigo escrevendo penosamente. Talvez tivesse

⁸ Menestrel pertencente a uma casta profissional endogâmica na África ocidental. (N. do T.)



ele que transmitir oralmente os segredos dos antigos em vez de torná-los públicos através da escrita. Mas existe na comunidade científica um lugar para contar?

Paris, 15 de abril 1982.

Abstract

Many aspects of urban life resist the application of orthodox research techniques. Notably, the urban phenomenon of anonymous encounters (“rencontres” in French) has yet to reveal its secrets. The anthropologist is perhaps particularly well prepared to meet this challenge. the “floating observation” method consists in keeping one’s responsiveness, not focussing one’s attention upon any specific object. Several days’ trails in the Père-Lachaise cemetery of Paris bring to light a heretofore unsuspected use of this space and the existence of genuine memory collectors. The latter, however, reveal their knowledge only through chance encounters.

Keywords: urban anthropology; ethnographic method; floating observation; direct observation.

Referência

BAUDRILLARD, J. *L'Échange symbolique et la mort*, Paris, Gallimard, 1976.